



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

MARIA DO SOCORRO L. DOS SANTOS

CULTURA POPULAR E A SUA RELAÇÃO COM AS CANTIGAS DE RODA



**RIO DE JANEIRO
2009**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

MARIA DO SOCORRO L. DOS SANTOS

CULTURA POPULAR E A SUA RELAÇÃO COM AS CANTIGAS DE RODA

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagogo.

Orientadora: Prof^a Dra. Sandra Albernaz

RIO DE JANEIRO
2009

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que é o Senhor da minha vida e quem me permitiu realizar esse sonho. A toda minha família, meus amigos, meus colegas de trabalho. Aos meus tios Iraci e Sr. Antonio, pelo cuidado e preocupação. A minha amiga Dani pela ajuda e dedicação. A minha professora orientadora Sandra Albernaz pela compreensão, ajuda e paciência. Ao meu pai porque um dia abriu mão da minha companhia para que eu tivesse uma oportunidade de um futuro melhor. A todos que torceram e me ajudaram direta ou indiretamente. Muito obrigada.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os brasileiros, especialmente os nordestinos do qual faço parte, por manterem vivas tradições que identificam nossa identidade cultural. A todos que tem orgulho da sua nacionalidade e dedicam seu tempo e seus talentos em estudos, pesquisas e trabalhos para a preservação de uma cultura autêntica brasileira.

RESUMO

Este estudo busca apresentar um pouco da história da Cultura Popular na Europa e principalmente no Brasil, de forma a compreender as suas semelhanças e especificidades, e o papel da escola no que se refere às questões ligadas a cultura e educação, apresenta também como é visto na atualidade as questões ligadas à cultura e manifestações populares no Brasil, dentre tais manifestações as cantigas de roda. Tendo como objetivo a reflexão, a conscientização e o reconhecimento da importância e valorização da cultura popular no Brasil.

Palavras-chave: Cultura popular/Folclore; Educação e Cultura e cantigas de roda.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I	
CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE CULTURA POPULAR	
Cultura Popular e suas origens.....	08
Cultura como saber do povo.....	10
CAPÍTULO II	
CULTURA POPULAR NO BRASIL	
Os Estudos de Folclore no Brasil.....	13
CAPÍTULO III	
RELAÇÃO ENTRE CULTURA E EDUCAÇÃO	
O Papel da Escola e sua Relação com a Cultura	18
Cantigas de Roda e músicas Folclóricas	20
Pesquisando sobre o assunto (cantigas de roda).....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS.....	30

INTRODUÇÃO

Escrever sobre Cultura Popular parece ser um assunto corriqueiro e sem muitas novidades a serem apresentadas. Mas quando o assunto nos interessa, tem sempre algo novo a ser contado. Tudo começou pela minha paixão pelas cantigas de roda. Foi então que comecei a pesquisar sobre esse assunto e percebi que as mesmas estão inseridas num contexto maior, que são comportamentos e tradições culturais das quais fazemos parte. O que as pessoas pensam sobre essas cantigas? Será que as cantigas de roda têm hoje os mesmos significados que tinham há alguns anos atrás? As crianças de hoje ainda brincam de brincadeiras de roda? Qual o papel da escola na valorização e transmissão da cultura? Essas e outras questões são apresentadas nesse trabalho de forma acadêmica, com o objetivo de despertar no leitor interesse e reflexão sobre assuntos que fazem parte da nossa realidade como cidadãos brasileiros.

CULTURA POPULAR

Este capítulo tem como objetivo caracterizar Cultura Popular e Folclore, apresentando suas origens e conceitos. Será foco dos próximos capítulos sua chegada ao Brasil e como na atualidade esses conceitos são vistos por alguns autores e sua relação na vida dos indivíduos e da sociedade.

Segundo um estudo publicado pela autora CAVALCANTI¹(2001):

“o surgimento das noções de *folclore* e de *cultura popular* deita raízes no Movimento Romântico, corrente de pensamento filosófica, artística e literária que se espalhou no continente europeu, e quase simultaneamente nas Américas, a partir de meados do século XVIII. A gestação desse fecundo movimento intelectual atravessou a chamada Idade Moderna ocidental. Como já nos mostraram diversos historiadores, ao longo desse período, marcado pelos movimentos da Reforma e da Contra-reforma, as elites européias afastaram-se de um universo cultural do qual até então haviam participado na condição de “bi-culturais”. Um rico senhor que participasse de uma peregrinação não se veria participando de um movimento “do povo”, pois sua participação era parte integrante de uma cultura que, embora diferenciada, era integralmente vivida como sua (Burke, 1989 *apud* Cavalcanti)²

A questão relacionada a Folclore e Cultura popular dar-se início quando há um reconhecimento de uma distância existente entre os saberes e modos de vida do povo em relação à elite intelectual. Com o surgimento do Romantismo, e sua preocupação em garantir uma identidade nacional que nos separassem de Portugal, buscando no passado histórico elementos de origem nacional, essa distância foi se estreitando, e houve então a valorização das diferenças e particularidade do povo, “ao contrário de uma razão intelectual universal proposto pelo Iluminismo - e fortemente associado em sua gênese aos nacionalismos

¹ Estudo publicado na Revista Tempo Brasileiro. Patrimônio Imaterial. Org. Londres, Cecília. Out-Dez, n° 147. pp. 69-78. Rio de Janeiro, 2001.

² Burke é considerado um especialista na Idade Moderna européia e também em assuntos da atualidade, enfatizando a relevância de aspectos socioculturais nas suas análises. É autor de mais de trinta livros, muitos deles publicados no Brasil.

européus mais tardios, o Romantismo atribuiu às noções de folclore e cultura popular características que até hoje nos assombram” (CAVALCANTI, 2001)

Folclore/cultura popular e cultura de elite opõem-se nessa perspectiva. A questão pode tornar-se ainda mais complexa se introduzirmos nesse quadro a idéia de cultura de massa, com relação ao quais ambos os níveis de cultura - popular ou de elite - exibiriam, ambos, uma aura de relativa pureza (Carvalho, *apud* Cavalcanti, 1992).

Segundo Bosi (1972), atualmente os conceitos de ciências humanas e sociais, “o modelo interpretativo de duas camadas - cultura popular/folclore *versus* cultura de elite - está unanimemente superado”. As questões relacionadas aos conceitos de folclore e cultura popular ou cultura de massa foram se modificando ao longo do tempo, transformando-se de acordo com a evolução e conhecimento adquiridos pelos homens do mundo a sua volta. Questões relacionadas a valores, comportamentos, participação na vida pública e interesses políticos. São veículos de relações humanas, de valores e visões de mundo.

Aceitamos, pois as cisões, as contradições que nos separam da fala e da entonação popular e que transcendem a divisão cultura x cultura erudita:

- um, cujas realizações culturais significam socialmente;
- outro, cujas realizações assumem significação quando postas em oposição à cultura dominante. Enquanto não articulado com a nossa, aquela cultura é a *outra* para nós, o folclore, a fonte vital do diferente (BOSI, 1972).

Cultura como saber do povo

Mesmo estudiosos e pesquisadores que reconhecem nossa imensa dívida e filiação à tradição de pensamento romântica, estão de acordo em afirmar que a cultura e o saber “do povo” são coisas diferentes, podendo ter infinitas formas de ser, podendo ter inúmeros significados e muitas possibilidades de definição. Um exemplo disso pode ser observado se falarmos em “artesanato”, por exemplo, a percepção da diversidade de situações sócio-econômicas e significados culturais nos impressionarão. Como nos mostrou Frota³ (2000), aqui nesta pequena expressão estarão reunidos diferentes definições e diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto:

"a jóia com desenho erudito feita por um único artífice especializado na Avenida Atlântica do Rio de Janeiro ao couro de sapato costurado em casa para a indústria por uma jornaleira de Matosinhos, cidadezinha do Estado de Minas Gerais, já num claro processo de divisão de trabalho e terceirização de serviços. (...) um diadema ritual de penas de pássaro feito pelos índios Carajás, na Região centro-oeste do país; o figurado de Barro em Caruaru, Pernambuco e os atributos e indumentárias de sobrenaturais afro-brasileiros em Salvador, Bahia, na Região Nordeste; os brinquedos feitos de polpa de palmeira de Abaetetuba, no Pará, e a funilaria em cobre de imigrantes de procedência italiana na Região Sul" (p.23).

Todos esses exemplos citados acima nos demonstram como esse conceito (artesanato) pode ser apropriado dependendo do valor que atribuímos a determinado objeto.

“Saber e cultura são históricos e complexos, integrando muitas vezes num único processo, oralidade e escrita, trabalho e lazer, comunitarismo/ autoria coletiva e heterogeneidade social/autoria individual, cidade e campo; sagrado e profano, solidariedade orgânica e mecânica, circuitos de troca menos ou mais

³ FROTA, Lélia 2000. “*Artesanato: tradição e modernidade em um país em transformação*” Pp 23-44.

monetarizados e profissionalizantes” (CAVALCANTI, 2001). Quando a cultura e o saber popular são vistos na sua íntegra, sem preconceitos e discriminação, eles podem ser importantes argumentos para se diminuir diferenças, estreitarem laços, enfim, aproximar as pessoas. Diminui as diferenças sociais, econômicas, promovem a comunicação humana e a integração entre os grupos. Como esses dois conceitos estão envolvidos num processo sócio-cultural, encontramos interesses diferenciados, diferentes pontos de vistas, discussões, conflitos, ou seja, questões bem naturais na relação entre indivíduos que vivem em sociedade. Entretanto, todas essas questões estão relacionadas a interesses comuns e valores culturais. Mas afinal, qual é o conceito de cultura adquirida pelo povo? Existe uma cultura do homem em sociedade ou o homem adquire a cultura? Ao falar sobre cultura BOSI (1986) escreveu:

“Existe uma cultura vivida e uma cultura a que os homens aspiram. Os psicólogos sociais forrados de uma concepção ideológica de cultura falam em necessidade, privação, carência cultural. Representações e valores se agrupam em torno do eixo: adquirir cultura. Seria a cultura um elemento de consumo, pois? Ou é uma oposição e uma superação do natural, um desabrochar da pessoa na vida social?” (BOSI, 1986, p.17).

De acordo com a citação acima, a autora faz-nos alguns questionamentos que nos fazem refletir do que é a cultura. A cultura é apresentada como algo ainda a ser alcançado ou conquistado. Seria necessária a instrução para então a aquisição cultural na vida social.

“A concepção da cultura como necessidade satisfeita pelo trabalho da instrução leva a atitudes que reificam, ou melhor, condenam à morte os objetos e as significações da cultura do povo porque impedem ao sujeito a expressão de sua própria classe” (*ibidem*).

As pessoas estão preocupadas em adquirir sempre uma cultura diferente da sua própria, quando não conseguem para si, pensam em proporcionar aos seus filhos a oportunidade de conhecê-las e adquiri-las, como se a sua própria cultura não tivesse valor algum.

Em suma, é necessário ressaltar que cultura, em especial a *cultura popular* vem demonstrando grande resistência ao longo dos anos, mesmo quando não é dada tanta importância como merecida, ela está presente. Faz-se presente em cada povo, cada manifestação popular, sejam através das músicas, danças, comidas, etc. O tempo passa e as manifestações populares mudam, assim como mudam as pessoas, o importante é valorizarmos nossa cultura, nossos conhecimentos e saberes distintos, que nos identificam como povo brasileiro.

CULTURA POPULAR NO BRASIL

Os Estudos de Folclore no Brasil

“O folclore do Brasil é riquíssimo, um dos mais ricos do mundo. Para sua formação, colaboraram principalmente, além do elemento nativo (o índio), o português e o africano. Estes três povos constituíram, podemos dizer as raízes de nossa cultura. Posteriormente, imigrantes de outros países, como Itália e Alemanha, deram sua contribuição ao nosso folclore, tornando-o mais complexo e mais rico. A tendência dos costumes de povos diferentes é, quando estes se relacionam de modo íntimo, construir expressões híbridas, ou seja, suas culturas se misturam, resultando em novas expressões de manifestação popular. Como os grupos humanos influenciam uns aos outros, podemos dizer que o folclore não é uma ciência estática, morta. Ao contrário, ele é dinâmico, pois além de pesquisar o passado, tem de estar atento às transformações do presente. O Brasil, vasto qual um continente, apresenta regiões distintas, onde há diferença de intensidade das influências dos povos formadores. Por outro lado, cada região possui seu gênero de vida de acordo com o meio ambiente, o que influi, também, no folclore brasileiro”. (artigo extraído do site Brasil escola)

Muitos textos vêm sendo publicados sobre a cultura popular brasileira. Para se ter idéia da enorme quantidade de títulos e obras, basta folhear as bibliografias do folclore brasileiro existentes. Pretendo neste trabalho, discutir como alguns estudiosos abordam a cultura popular brasileira, como a definem e delimitam que conceitos utilizam como encaram as relações entre essa forma de cultura e o contexto sociocultural do qual faz parte.

“No Brasil, uma ampla movimentação em torno do folclore e da cultura popular iniciou-se na década de 1950, reunindo nomes como Cecília Meireles, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Artur Ramos, Manuel Diégues Júnior, Renato Almeida entre tantos outros. O país de então se orgulhou de ser o primeiro a atender à recomendação da UNESCO, criando uma comissão para tratar do

assunto – a Comissão Nacional do Folclore, no Ministério do Exterior. No contexto do pós-guerra marcado pela preocupação internacional com a paz, o folclore era visto como fator de compreensão e incentivo à apreciação das diferenças entre os povos.

O conjunto das iniciativas então desenvolvidas foi designado como Movimento Folclórico⁴, implantando diversas Comissões Estaduais de Folclore, algumas atuantes até hoje. Seu apogeu foi a criação, em 1958, da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, no então Ministério da Educação e Cultura. O atual Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, da FUNARTE, com ricos acervos museológicos, fotográficos, sonoros e bibliográficos, é o herdeiro institucional desse movimento.

A Campanha tinha urgência de atuação: os elementos culturais autênticos da nação estariam seriamente ameaçados pelo avanço da industrialização e pela modernização da sociedade. Por essa razão, o folclore devia ser imediatamente preservado, e intensamente divulgado.

Os estudiosos da época, entretanto, não passaram ao largo das contradições e tensões trazidas pela atribuição de uma autenticidade e pureza originárias ao folclore e à cultura popular. O caráter dinâmico e contemporâneo das manifestações populares se impôs desde muito cedo. Revelou-se, sobretudo, na abordagem do tema privilegiado das preocupações do Movimento Folclórico: os folguedos, ou se quisermos usar uma denominação mais ampla, as nossas festas populares.

Os folguedos expressavam a cultura popular como um todo integrado, inseparável da vida cotidiana. Era o folclore em ação, aberto e contraditório, ligado ao passado e continuamente adaptado ao presente; um caminho privilegiado para captar a originalidade do processo de formação da cultura brasileira e seu movimento. A abrangência dessa formulação mantém a atualidade. De lá para cá, a transformação da sociedade se aprofundou, os meios de comunicação de massa entraram decisivamente no cotidiano nacional e a cultura popular permanece revelando notáveis vitalidade e contemporaneidade. Mudaram também os ideais de conhecimento, e chegamos com esse ponto ao segundo passo decisivo de nosso breve percurso: o deslocamento conceitual sofrido pela perspectiva

⁴ O excelente estudo de Vilhena (1977) é referência fundamental para compreensão desse Movimento.

romântica sobre as noções de folclore e cultura popular” (CAVALCANTI, 2001 p. 69-68).

Atualmente no Brasil, há uma luta por parte de alguns poucos interessados em manter viva a cultura popular em nosso país. É bem certo que quando o enfoque são os lucros em determinados eventos, os interessados e investidores aparecem rapidamente. Tudo visa as margens de lucro que determinados eventos ou manifestações populares podem render. Os meios de comunicação de massa enfocam aquelas manifestações que mais trazem rentabilidade, tais como carnaval, no Rio de Janeiro e em Salvador, as festas Juninas no Nordeste e no Norte do país, dentre outras. Tais manifestações não são totalmente do povo, pois para participar desses eventos é necessário pagar, e quase sempre são valores altos, que normalmente a classe menos favorecida fica excluída por não ter condições de arcar com tais despesas. Essa classe excluída se concentra em suas comunidades e bairros, fazendo seus próprios eventos que normalmente não tem o apoio e divulgação da mídia.

As manifestações populares são geralmente lembradas em datas comemorativas pelas escolas, que nem sempre enfocam com tanta importância tais acontecimentos, são apenas repassadas histórias de um povo que ao longo do tempo foi se afastando de praticar tais costumes e tradições. Está também ligada a cultura popular, algumas manifestações religiosas, que em nosso país atualmente vem sofrendo a influência de igrejas evangélicas diversas, que não aceitam e condenam muitas práticas religiosas, que se formos analisar tiveram suas origens desde nossos antepassados, dos povos trazidos da África com seus costumes e crenças. E que no decorrer do tempo foi se perdendo e sendo substituído por novos pensamentos e posturas religiosas.

Há também uma grande influência da mídia na valorização de culturas européias e não na nossa cultura. Festas como *Halloween*, comidas como *Fast Foods*, tipos de vestimentas, maneira de falar, palavras que aos poucos foram sendo incorporadas ao nosso cotidiano, são exemplos de como somos influenciados

diariamente por culturas diferentes da nossa. Não quero ser aqui radical ao ponto de dizer que isso só tem seu lado negativo. Claro que não. Temos que ter contato com outras culturas, outros povos, diferentes comportamentos, até mesmo para não ficarmos alienados e presos ao nosso mundo particular. É bom aprendermos, viajarmos, conhecer pessoas diferentes, mas não podemos com isso desvalorizar o que somos. Pensar que somente as outras culturas são importantes ou melhores que as nossas. Temos que valorizar aquilo que é nosso. Da qual temos e devemos desenvolver papel participativo para a construção de nossa identidade cultural.

Em um país como o Brasil, tão diverso, tão grande, com tantas expressões diferentes, com tantos jeitos de ser, de brincar, de conviver e rezar, que vão se modificando de lugar para lugar, e a toda hora, não podemos falar de uma única cultura, mas das muitas culturas que o formam. Será que já paramos para pensar, por exemplo, quantas nações indígenas nós temos? E das culturas africanas que para cá vieram não foi uma nação, mas foram muitas a formar o que chamamos de cultura afro-brasileira.

E os portugueses, foram os únicos? Na verdade, foram muitos os povos europeus, cada um com suas tradições, línguas, expressões, jeito de ser e crer, que vieram para cá e, misturados aos diferentes povos indígenas e africanos, ajudaram a formar um país plural e de muitas culturas.

A cultura popular é tudo isso bem misturado e refletido nos muitos jeitos de ser do brasileiro.

RELAÇÃO ENTRE CULTURA E EDUCAÇÃO

Diante de tudo que já apontamos até agora, será ainda possível falar de educação sem integrá-la à questão cultural? Certamente não. A resposta é não porque a educação é resultado das práticas culturais dos grupos sociais. O próprio processo de ensinar e aprender revela essas práticas.

“A cultura é o fermento que alimenta, dá forma e conteúdo à educação. Em sala de aula, experiências, vivências e singularidades estão reunidas. Alunos e professores trazem suas bagagens e histórias. Confrontos, trocas, negações e reafirmações de culturas pulsam o tempo todo nesse convívio. Se não houver um saber pronto e acabado a ensinar, a educação tem suas chances de sucesso ampliadas” (artigo publica no site da tvebrasil).

O saber ao ser construído deve ser acima de tudo inclusivo, valorizar as diferenças, considerar a criança como individuo que pensa, que não chega a escola como uma “tábua rasa” mas que possui conteúdos que a constitui como ser pensante, que seja a educação como afirma Carlos Rodrigues Brandão (2001) que:

“educar é fazer perguntas” e que “ensinar é criar pessoas em que a inteligência venha a ser medida, mais pelas dúvidas mal formuladas, do que pelas certezas bem repetidas. De que aprender é construir um saber pessoal e solidário, através do diálogo entre iguais sociais culturalmente diferenciados.” (p.35)

Que o ato de educar seja criativo, que o professor proporcione no ambiente escolar um local agradável, prazeroso e interessante para as crianças, despertarem o prazer e o interesse pela cultura.



O Papel da Escola e sua Relação com a Cultura

A escola tem papel muito importante na transmissão de conhecimentos que mantém viva às questões ligadas a cultura. Infelizmente temos acompanhado que tais manifestações culturais só são apoiadas pela escola em datas festivas e comemorativas. É na escola que as crianças se sentem livres para desenvolver sua imaginação, estão receptivas para adquirir novos conhecimentos e novas informações. É um espaço apropriado para brincar, conversar, discutir e aprender. Nesse sentido, percebemos que a escola seria um espaço importante para as discussões que envolvem essa problemática e suas representações na sociedade. Contudo, da forma como a escola está organizada e difundindo, pelo que observamos na maior parte das realidades educacionais, um projeto cultural dominante, imposto, este espaço encontra-se fechado. Para tanto, concordamos com Pérez Gómez (2001, p.17) ao afirmar que, é necessário que se passe a

[...] considerar a escola como um espaço ecológico de cruzamento de culturas, cuja responsabilidade específica, [...] é a mediação reflexiva daqueles influxos plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações.

Transmitir algo que consideramos importante ou que tenham significados para nós é permitir que se mantenha viva nossas experiências, lembranças,

recordações e vivências. Isso também é preservar nossa memória cultural. Algo que sempre me proporcionou prazer e alegria na minha infância e adolescência foram brincadeiras e cantigas de roda que realizávamos na escola. Tais práticas eram muito comuns há alguns anos atrás na cidade onde eu cresci (Soledade, estado da Paraíba), mas que hoje vem desaparecendo das brincadeiras infantis. Gostaria de discorrer um pouco sobre esse assunto nas linhas que se seguem.



Cantigas de Roda e músicas Folclóricas

Várias são as definições para cantigas de roda. Vários sites, blogs publicam diariamente algumas definições a respeito desse tema. Escolhi um texto que julguei interessante e mais completo para relatar neste trabalho:

“É um tipo de canção popular, que está diretamente relacionada com a brincadeira de roda. A prática é comum em todo o Brasil e faz parte do folclore brasileiro. Consiste em formar um grupo com várias crianças, dar as mãos e cantar uma música com características próprias, como melodia e ritmo equivalentes à cultura local, letras de fácil compreensão, temas referentes à realidade da criança ou ao seu universo imaginário e geralmente com coreografias. Elas também podem ser chamadas de cirandas e têm caráter folclórico. Esta prática, hoje em dia não é tão presente na realidade infantil como antigamente devido às tecnologias existentes, geralmente usadas para entretenimento de crianças de todas as idades em locais como colégios, creches, parques, etc.

Há algumas características que elas têm em comum, como por exemplo, a letra. Além de ser uma letra simples de memorizar é recheada de rimas, repetições e trocadilhos, o que faz da música uma brincadeira. Muitas vezes fala da vida dos animais usando episódios fictícios, que comparam a realidade humana com a realidade daquela espécie, fazendo com que a atenção da criança

fique presa à história contada pela música, o que estimula sua imaginação e memória. São os casos das músicas “A barata diz que tem”, e “Peixe vivo”. Em outros casos, algum objeto cria vida, ou fala-se de amor.” (artigo retirado da internet – site letras músicas infantis)

De acordo com um trabalho de pesquisa de campo realizado por Benita Michahelle (2003), e publicado na internet, pudemos extrair algumas considerações muito importantes com relação às cantigas de roda, e que relatam muito bem a linha de estudo deste trabalho que pretendo apresentar:

“Pode parecer curioso para alguns falar-se em Brincadeiras-de-roda nos dias de hoje. Em tempos, em que estas manifestações da cultura popular espontânea estão com o seu espaço tão diminuído. Nas ruas, nas praças, nos quintais está mais raro de se ver ou de se ouvir das bocas infantis aquelas canções que, na simplicidade das suas melodias ritmos e palavras, guardam séculos de sabedoria e a riqueza condensada do imaginário popular.

As Cantigas-de-roda integram o conjunto das canções anônimas, que fazem parte da cultura espontânea, decorrente da experiência de vida de qualquer coletividade humana. Elas se dão numa seqüência natural e harmônica com o desenvolvimento humano.

Em um artigo de sua autoria, Godinho (1996) ao citar as Cantigas-de-roda, reflete:

“... Quem é esta que me estimula a sair deste mesmo colo e a buscar o mundo lá fora arriscando mais um rompimento, me oferecendo a chance de partilhar com os outros iguais a mim...”
(Godinho, 1996)

Segundo Câmara Cascudo⁵ (1988), as Brincadeiras-de-roda referem-se a brincadeiras do folclore dançadas ou cantadas apresentando melodias e coreografias simples. Grande parte delas se apresenta com os participantes se colocando em roda e de mãos dadas, mas existem também variações, como os brinquedos-de-roda assentada, de fileira, de marcha, de palmas, de pegar, de esconder, incluindo também as chamadas para brinquedos e as cantigas para selecionar jogadores. As rodas infantis que se apresentam no Brasil - e que são o foco deste trabalho - têm origem portuguesa, francesa e espanhola. Porém com a força do cantar e ouvir, abasileiraram-se muitos destes cantos, sendo eles hoje tão nossos como se aqui nascidos.

Ainda de acordo com Cascudo (1988), em relação às outras modalidades de canções populares, as Cantigas e Brincadeiras-de-Roda se destacam pela sua constância "(...) apesar de serem cantadas uma dentro das outras e com as mais curiosas deformações das letras, pela própria inconsciência com que são proferidas pelas bocas infantis." (ibid., p 676) Elas são transmitidas oralmente abandonadas em cada geração e reerguidas pela outra "numa sucessão ininterrupta de movimento e de canto quase independente da decisão pessoal ou do arbítrio administrativo." (ibid., p. 146)

As manifestações folclóricas nascem dos impulsos criadores, tanto individuais como coletivos. O folclore é adversário do número em série, do produto estampado e do padrão patenteado. De mão-em-mão, de boca-em-boca ele se faz: cada um improvisa, recria, deixa a sua marca, introduz novos padrões.

⁵Luis da Camara Cascudo (1898-1986) - Com mais de uma centena de títulos entre livros, traduções, opúsculos e artigos publicados no Brasil e em vários países, viveu a vida vendo e ouvindo, lendo e escrevendo, sem nunca pensar em deixar sua terra.

Assim, a música folclórica é aquela que se transmite e se preserva oralmente, expandindo-se por isso com toda a naturalidade, e possuindo uma aceitação coletiva. Ela diferencia-se da música chamada erudita por nela não ser procurado o rebuscamento ou o aperfeiçoamento de forma intencional, e, da música chamada popular, por não ser produzida em série ou ter destinação comercial. Em sua simplicidade, a música folclórica torna-se mais autêntica e espontânea, e assume um poder de comunicação e uma ressonância imediata no espírito do povo que a pratica. (Lamas, 1992, p.p. 15-16)⁶

Enquanto criação artesanal e comunitária, a música folclórica está condicionada a padrões aceitos por todos, sendo-lhe uma característica peculiar a adaptação às circunstâncias. Assim, é comum, por exemplo, que uma mesma melodia sofra as mais variadas deformações, e apresente diversas versões, podendo também ser encontrada ao mesmo tempo numa Cantiga -de - roda infantil e numa dança de adultos num terreiro fetichista. Em geral, pode-se dizer que a música folclórica não é executada independentemente, ela se condiciona a algum fim, pois atende às necessidades do ambiente onde se propaga. (ibid.)

Segundo Camara Cascudo, "O folclore inclui nos objetos e fórmulas uma quarta dimensão sensível ao seu ambiente" (1988, p.334). Seu valor ultrapassa largamente o ângulo do funcionamento racional, compreendendo muito mais, uma afirmação ou ampliação do emocional. Assim, as suas manifestações conformam a "fisionomia espiritual das gentes" (Brandão e Milleco, 1992, p.21) e, se esquecidas ou desprezadas, "(...) os povos acabam perdendo a consciência do seu próprio destino." (Idem)

Em contrapartida, a oportunidade de reviver, experimentar, ou lembrar as manifestações do folclore, implica em entrar em contato com forças vitais ancestrais e também em reviver conteúdos arquetípicos que estão na base da

⁶ LAMAS, D. M. *A música de tradição oral* (folclórica) no Brasil. Rio de Janeiro, 1992. Edição do autor

construção da identidade dos povos” (MICHAELLES,2003) (trechos extraídos da monografia retirados na internet, alguns acréscimos pessoais)

A autora deste artigo continua falando das diversas contribuições das cantigas de roda para a formação do indivíduo. Sua inúmeras implicações, traz como exemplo diversas letras de músicas infantis, e brincadeiras de roda, que ajudam no trabalho de recuperação, de algumas crianças com dificuldades de relacionamentos, dentre outras dificuldades.

Pesquisando sobre o assunto...

Em minha experiência como estagiária em algumas escolas durante o curso de pedagogia, não presenciei na hora do recreio brincadeiras que envolvessem brincadeiras de roda. Cheguei a indagar com alguns alunos na faixa etária de 08 à 12 anos numa escola de Botafogo, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, sobre o que eles achavam de brincadeiras de roda. As respostas mais comuns foram: - “Ah tia! Essas brincadeiras são para crianças pequenas” - “Não gosto de brincar de roda, e nem conheço essas brincadeiras”. As meninas ainda se mostraram um pouco mais interessadas nesse tipo de brincadeira. Algumas respostas: - “tia eu conheço “atirei o pau no gato”, Ciranda-Cirandinha” e gosto de brincar, mas conheço poucas músicas”.

Tais respostas nos mostram que ao longo dos anos essas cantigas estão sendo esquecidas, e não estão sendo repassadas como antigamente acontecia. Chegará o dia em que os únicos registros serão os escritos e aqueles em nossa memória? Não há como precisar, mas é importante relatar que tais cantigas são importantes para a identidade do povo, pois demonstram práticas que fazem parte da cultura popular e que trazem significações e sentimentos muitos bons para aqueles que praticaram ou que praticam ainda tais brincadeiras.

Fiz uma pequena pesquisa com o grupo de 06 pessoas adultas na faixa etária de 30 a 60 anos, sobre o que eles achavam desse tipo de brincadeiras, e se os mesmos têm recordações de praticar durante sua infância. A primeira pergunta foi: - **Quais brincadeiras eram praticadas durante sua infância?** – As respostas mais comuns foram: Pique-esconde; Pula corda; Queimada; Bonecas, Brincadeira de roda (apenas uma pessoa respondeu esse tipo de brincadeira); - É importante informar que dos pesquisados 05 nasceram e cresceram no Rio de Janeiro e apenas 01 nasceu fora, mas passou sua infância e adolescência também no Rio do Janeiro. A segunda pergunta foi: **Você se recorda de brincar de cantigas de roda? Se sim, o que você achava dessas cantigas? O que elas significam para você?** – As respostas mais comuns foram que realmente se lembravam desse tipo de brincadeiras e achavam muito divertidas, alegres e animadas. Uma das respostas foi que eram mais praticadas pelas meninas e não pelos meninos. Que não significa uma regra, pois vemos essas brincadeiras sendo praticadas por ambos os sexos. A terceira pergunta foi: **Qual a importância de se brincar de cantigas de roda/cirandas?** – Respostas: momento de interatividade, socialização, alegria, *“hoje não se vê mais brincadeiras como essas. As pessoas ficam muito focadas no computador. As brincadeiras antigas resgatam e ajudam às crianças a serem crianças de verdade”*. – *“É um meio de cultivar tradições, muitas já estão esquecidas”* - Gostei muito dessas duas últimas respostas. Não desmerecendo as anteriores, mas essas duas últimas revelam que tais brincadeiras são consideradas hoje como “antigas”, e que fazem parte de costumes e *tradições*, e isso demonstra mais uma vez que essas brincadeiras fazem parte da nossa cultura, e que aos poucos estão ficando no passado, e não despertam tanto interesse e motivação nas crianças de hoje. Mais uma vez é necessário destacar que a cultura e os costumes vão se modificando ao longo do tempo, de acordo com os interesses e realidades do indivíduo. – a quarta pergunta: **Na sua opinião, as crianças de hoje em dia ainda brincam de brincadeiras/cantigas de roda? Por quê?** – As repostas foram unânimes: NÃO, as justificativas muito parecidas. Devido as tecnologias atuais, as crianças não

têm mais interesse em praticar tais brincadeiras. As crianças estão mais isoladas e individuais. Não interagem com outras como antigamente. Os espaço/moradias também são diferentes, o que se torna um “empecilho” que afasta as crianças do convívio com outros da mesma faixa etária, sendo as escolas os locais mais comuns de encontro entre as elas. A quinta e última pergunta: ***Você considera que as crianças da atualidade têm mais opções de brincadeiras? O conceito de infância é o mesmo da sua época?*** – As respostas variaram. A maioria acha que não. Quanto ao conceito de infância, as respostas foram muito semelhantes. Os pesquisados concordam que o conceito de infância de hoje é muito diferente do era na sua época. “Tínhamos mais liberdade de brincar na rua, vejam como eram as crianças de antes para as de hoje! Antes não tínhamos crianças obesas, com diabetes, etc. Hoje elas não têm atividades ao ar livre, não correm, não gastam tempo, energia, etc.” Outras respostas revelaram que mesmo com tantas opções que as crianças tem hoje em dia, elas continuam individuais e solitárias, o que pode acarretar transformando-as em adultos infelizes e solitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que ora encerramos nos possibilitou ampliar sobremaneira a nossa visão em torno de um tema tão amplo e complexo como o da cultura popular. Após tudo que apresentamos nosso olhar sobre as cantigas de roda se modificaram e se ampliaram devido às informações obtidas. Quando adquirimos um saber, nunca mais somos os mesmos. A transformação que ocorre dentro de nós se revela aos outros de uma maneira singular e única. Foi isso que aconteceu comigo após o término deste trabalho. O conceito de cultura e suas magnitudes nos revelam que o povo brasileiro tem uma identidade própria. A cultura se renova ao longo do tempo, se atualiza, mas também se preserva e se transmite com o propósito de manter-se viva e autêntica.

Pudemos aprender com os autores aqui citados a trajetória da cultura popular e folclore brasileiro, o papel da escola perante a temática cultura e educação. Vimos como o conceito de cultura sofreu uma ampliação no sentido de abarcar tanto as sociedades fora do mundo ocidental, quanto os grupos subalternos dentro dele, e que esse movimento de certa forma deu legitimidade aos estudos das práticas culturais das camadas subalternas.

Em suma, acreditamos que muitas pessoas continuarão falando sobre esse assunto, é bem certo que daqui a alguns anos alguns falarão sobre nós, nossos costumes, nossas vestimentas, nossas comidas, nosso comportamento, nossas tecnologias, enfim, falarão da nossa cultura, do nosso povo. Pois a cultura é feita por cada um de nós a cada instante do nosso viver.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1972;

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De Angicos e ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre: Mova-RS; Corag, 2001;

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989;

CASCUDO, Luis da Câmara, 1898-1986. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo : Global, 2002. 2v. [398.0981].[Acervo de Livros MARC]

CARVALHO, José Jorge. “O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna”. Seminário Folclore e Cultura Popular: As várias faces de um debate. Série Encontro e Estudos, nº1. Pp.23-38. Rio de Janeiro: Funarte 1992.

CAVALCANTI, Maria Laura V.C. et al. “Os estudos de folclore no Brasil”. Seminário Folclore e Cultura Popular: As várias faces de um debate. Série Encontro e Estudos, nº1. Pp. 101-112. Rio de Janeiro: Funarte 1992.

FROTA, Lélia. “Artesanato: tradição e modernidade em um país em transformação.” Pp 23-44. *Cultura Material: Identidade e processos sociais*. Série Encontros e Estudos 3. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Fundação Nacional de Artes. Ministério da Cultura. RJ, 2000.

MICHAHELLES, Benita. Monografia apresentada ao Curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música - orientadora: Marly Chagas

PÉREZ GÓMEZ, A. I. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro 1947 – 1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997.

Sites:

<http://www.cnfcp.gov.br> – “Antropologia/Folclore” - Consultado em 22/11/09.

www.brasilecola.com.br – consultado em 22/11/09

www.drashirleydecampos.com.br/noticias - publicado em 19/02/05- consultado em 15/12/09.

<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/cpe/teimp.htm>

www.lettras.com.br/musicas-infantis

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CURSO: PEDAGOGIA

ALUNA: MARIA DO SOCORRO L. DOS SANTOS.

PESQUISA

Nome: JACKELINE MARTELO PANNIO

Idade: 33 ANOS

Local de Nascimento e onde viveu parte da sua infância (02-12 anos): RIO DE JANEIRO - RIO COMPRIDO - VIVO DESDE QUE NASCI

1. Quais brincadeiras eram praticadas durante a sua infância?

- AMARELINHA
- QUEIMADO
- BANCO IMOBILIÁRIO
- JOGO DA NINHA

2. Você se recorda de brincar de cantigas de roda? Se sim o que você achava dessas cantigas? O que significava para você?

RECORDO CLARAMENTE. GOSTAVA DA BRINCADEIRA ATÉ MESMO PO. ME IDENTIFICO COM MÚSICA. SEMPRE ME TROUXE MUITA CALMA

3. Qual a importância de se brincar de cantigas de roda/cirandas?

ENTENDO QUE A IMPORTÂNCIA ESTÁ NO INTERAGIR, MOMENTO EM QUE SE CANTA, BRINCA, RI, CONVERSA

4. Na sua opinião, as crianças de hoje em dia ainda brincam de brincadeiras/cantigas de roda? Por quê?

NÃO. PORQUE HOJE OS VALORES MUDARAM, A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA AGE COM GRANDE INFLUÊNCIA CRIANÇAS TROCARAM A INTERAÇÃO PESSOAL PELO VIRTUAL.

5. Você considera que as crianças da atualidade têm mais opções de brincadeiras? O conceito de infância é o mesmo da sua época?

NÃO. CRIANÇAS DE HOJE BRINCAM COM GAMES E COMPUTADORES. SOMENTE.

CRIANÇA → VIDEO GAME → CRIANÇA
CRIANÇA → COMPUTADOR → CRIANÇA

CONCEITO BEM DIFERENTE COM CERTEZA

Obrigada pela colaboração!



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CURSO: PEDAGOGIA

ALUNA: MARIA DO SOCORRO L. DOS SANTOS.

PESQUISA

Nome: SILVERIO DE LIMA MAGLIANO

Idade: 41

Local de Nascimento e onde viveu parte da sua infância (02-12 anos):

1. Quais brincadeiras eram praticadas durante a sua infância?

PIQUE ESCONDE, PIQUE BANDEIRA, QUEIMADO, CARNICA, GARRAFAO, POLICIA E LADRO, BOLA

2. Você se recorda de brincar de cantigas de roda? Se sim o que você achava dessas cantigas? O que significava para você?

SIM, ANIMADAS, UM MOMENTO DE ALEGRIA E GRANDE ANIMACAO

3. Qual a importância de se brincar de cantigas de roda/cirandas?

UM MOMENTO DE INTERATIVIDADE COM AS OUTRAS CRIANCAS

4. Na sua opinião, as crianças de hoje em dia ainda brincam de brincadeiras/cantigas de roda? Por quê?

NAO! HOJE EM DIA E MAIS DIFICIL JUNTAR AS CRIANCAS EM UM MESMO ESPACO QUE NAO SEJA AS ESCOLAS E CONDOMINIOS.

5. Você considera que as crianças da atualidade têm mais opções de brincadeiras? O conceito de infância é o mesmo da sua época?

NAO! NAO

Obrigada pela colaboração!



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CURSO: PEDAGOGIA

ALUNA: MARIA DO SOCORRO L. DOS SANTOS.

PESQUISA

Nome: Alice Nascimento

Idade: 42 anos

Local de Nascimento e onde viveu parte da sua infância (02-12 anos):

Salvador/BA - A partir dos 3 anos no RJ.

1. Quais brincadeiras eram praticadas durante a sua infância?

Pular cordo, Queimado, esconde-esconde

2. Você se lembra de brincar de cantigas de roda? Se sim o que você achava dessas cantigas? O que significava para você?

Sim, achava divertidas

3. Qual a importância de se brincar de cantigas de roda/cirandas?

Hoje não se vê mais brincadeiras como esse. As pessoas ficam muito focadas no computador. As brincadeiras antigas resgatam o ajudar as crianças a serem crianças de verdade

4. Na sua opinião, as crianças de hoje em dia ainda brincam de brincadeiras/cantigas de roda? Por quê?

Não.

5. Você considera que as crianças da atualidade têm mais opções de brincadeiras? O conceito de infância é o mesmo da sua época?

Opções não foi dizer mas as brincadeiras de hoje não se comparam com as antigas em termos de alegria, liberdade, pureza, etc

Obrigada pela colaboração!



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CURSO: PEDAGOGIA

ALUNA: MARIA DO SOCORRO L. DOS SANTOS.

PESQUISA

Nome: *Claudio M de Albuquerque*

Idade: *44 anos*

Local de Nascimento e onde viveu parte da sua infância (02-12 anos):

1. Quais brincadeiras eram praticadas durante a sua infância?

Na minha infância não havia brinquedos eletrônicos, então tudo que nós tinhamos eram as brincadeiras de rua como: pique-esconde, pular a corda, Queimada, pular corda etc

2. Você se lembra de brincar de cantigas de roda? Se sim o que você achava dessas cantigas? O que significava para você?

essa brincadeira era praticada mas pelas meninas

3. Qual a importância de se brincar de cantigas de roda/cirandas?

A importância é o contato direto, a interatividade, a harmonia entre as pessoas, a própria socialização.

4. Na sua opinião, as crianças de hoje em dia ainda brincam de brincadeiras/cantigas de roda? Por quê?

O que temo visto são as crianças presas dentro de casa envolvidas com seus brinquedos eletrônicos.

5. Você considera que as crianças da atualidade têm mais opções de brincadeiras? O conceito de infância é o mesmo da sua época?

As opções são bem maiores mas o que me preocupa é que as crianças de hoje não tem esse contato pelas acabam se isolando pessoas individuais

Obrigada pela colaboração!



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CURSO: PEDAGOGIA

ALUNA: MARIA DO SOCORRO L. DOS SANTOS.

PESQUISA

Nome: SIRLEY J. P. SILVA

Idade: 46

Local de Nascimento e onde viveu parte da sua infância (02-12 anos):

R. JANEIRO ; SÃO GONPALO

1. Quais brincadeiras eram praticadas durante a sua infância?

PIQUE ; RODA ; CORDA ; CORRIDA ; BONECA

2. Você se lembra de brincar de cantigas de roda? Se sim o que você achava dessas cantigas? O que significava para você?

SIM ; ERAM MUITO DIVERTIDAS ; NA MINHA ÉPOCA NÃO TINHA MUITO SIGNIFICADO, ERAM APENAS DIVERTIDAS.

3. Qual a importância de se brincar de cantigas de roda/cirandas?

É UM MEIO DE CULTIVAR TRADIÇÕES ; MUITAS JÁ ESTÃO ESQUECIDAS.

4. Na sua opinião, as crianças de hoje em dia ainda brincam de brincadeiras/cantigas de roda? Por quê?

NÃO ; PRINCIPALMENTE PORQUE O COMPUTADOR TOMOU CONTA DAS CRIANÇAS ; NÃO TEMOS CRIANÇAS MORANDO EM CASAS COM QUINTAIS ; NÃO PODEMOS MAIS DEIXÁ-LAS BRINCANDO NA RUA POR CAUSA DA VIOLENCIA ; ETC.

5. Você considera que as crianças da atualidade têm mais opções de brincadeiras? O conceito de infância é o mesmo da sua época?

NÃO ; VIDE ACIMA. AS CRIANÇAS NÃO TEM MAIS IMAGINAÇÃO PRÓPRIA, É TUDO IMAGINADO PELO COMPUTADOR ; A INFÂNCIA DE HOJE É TOTALMENTE DIFERENTE, TINHAMOS MAIS LIBERDADE DE BRINCAR NA RUA ;

Obrigada pela colaboração!

VEJA COMO ERAM AS CRIANÇAS DE ANTES PARA AS DE HOJE! ANTES NÃO TINHAMOS CRIANÇAS OBRASAS, COM DIABETES, ETC HOJE ELAS NÃO TEM ATIVIDADES AO AR LIVRE, NÃO CORREM, NÃO GASTAM ENERGIA, ETC.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CURSO: PEDAGOGIA

ALUNA: MARIA DO SOCORRO L. DOS SANTOS.

PESQUISA

Nome: Helene Pereira Rodrigues

Idade: 68 anos

Local de Nascimento e onde viveu parte da sua infância (02-12 anos):

Rio de Janeiro

1. Quais brincadeiras eram praticadas durante a sua infância?

Pique Bandido
Bolecas

2. Você se recorda de brincar de cantigas de roda? Se sim o que você achava dessas cantigas? O que significava para você?

Cirandas, cirandinha; otina, pois nos distraímos muito

3. Qual a importância de se brincar de cantigas de roda/cirandas?

Muito divertido

4. Na sua opinião, as crianças de hoje em dia ainda brincam de brincadeiras/cantigas de roda? Por quê?

mas

5. Você considera que as crianças da atualidade têm mais opções de brincadeiras? O conceito de infância é o mesmo da sua época?

Obrigada pela colaboração!

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Sandra Alberraz de Medeiros

Nota: 7,0 (sete)

Considerações:

O tema escolhido é bastante interessante. No entanto a estrutura da monografia apresenta falhas do ponto de vista metodológico. Os objetivos não estão claros e a pesquisa não é analisada adequadamente. Uma pena, porque haveria o que pensar e dizer sobre a presença da cartiga das rodas nos dias atuais.

Data: dezembro de 2009 Assinatura: Sandra Medeiros

RESULTADO FINAL		
Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
	7,0	

Rio de Janeiro, de dezembro de 2009.
Sandra Medeiros
Prof. Orientador